

**MAIS ALÉM DO BULLYING: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE TRAMANDAÍ/RS**

*Wilian Gomes da Silva<sup>1</sup>,  
Gabriela Dotto Tarragô<sup>2</sup>,  
Felipe Konflanz de Oliveira<sup>3</sup>,  
Viviane Mantovani da Rosa<sup>4</sup>,  
Simone Regina Sandri Modesti<sup>5</sup>,  
Amanda Luiz Maciel<sup>6</sup>*

**Resumo**

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de estágio ocorrido no âmbito de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) no município de Tramandaí/RS. Versa sobre intervenções realizadas em duas escolas do município, tendo o *bullying/cyberbullying* como temáticas iniciais. As intervenções ocorreram entre Janeiro e Agosto de 2019, sendo a roda de conversa o dispositivo utilizado para dialogar com os estudantes do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental e os encontros ocorreram duas vezes na semana. Como *corpus* de análise, utilizou-se dos registros em Diário de Campo. Como operadores do pensar, foram utilizados referenciais balizados pela Psicanálise e Psicologia Social. Os achados apontam para situações vivenciais que ultrapassam os muros do território escolar, sendo a violência a principal marca desse registro, culminando em práticas de *bullying/cyberbullying* como respostas subjetivas ao experienciado na vida cotidiana.

**Palavras-chave:** bullying; cyberbullying; psicanálise; psicologia social; roda de conversa.

**BEYOND BULLYING: A REPORT OF AN INTERVENTION EXPERIENCE AT SCHOOLS IN TRAMANDAÍ /RS**

**Abstract**

---

<sup>1</sup> Acadêmico de Psicologia, Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). ✉ [wiliangomessilva2014@gmail.com](mailto:wiliangomessilva2014@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica de Psicologia, Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC). ✉ [gabrieladtarrago@gmail.com](mailto:gabrieladtarrago@gmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmico de Psicologia, Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC). ✉ [felipe\\_konflanz@hotmail.com](mailto:felipe_konflanz@hotmail.com)

<sup>4</sup> Assistente Social, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Tramandaí/RS. ✉ [vivimrosa@yahoo.com.br](mailto:vivimrosa@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Psicóloga, Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência (PcD) e com Altas Habilidades (PcAH). Docente do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ✉ [sirsandri@gmail.com](mailto:sirsandri@gmail.com)

<sup>6</sup> Enfermeira. Coordenadora de Saúde Mental do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Tramandaí/RS, Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC). ✉ [amanderas@hotmail.com](mailto:amanderas@hotmail.com)

The present study is a report of an internship experience that occurred in a Psychosocial Care Center (CAPS) in Tramandaí/RS. It describes interventions carried out at two schools in the town, as *bullying/cyberbullying* being the initial subjects. The interventions took place between January and August 2019, with a yarning circle being the device used to dialogue with students from 5th to 9th grade. The meetings took place twice a week. As *corpus* of analysis, we used the records in a Field Diary. As operators of thinking, we used references based on Psychoanalysis and Social Psychology. The findings point to experiences that go beyond the walls of the school territory, with violence being the major mark of this record, culminating in bullying practices as subjective responses to what has been experienced in everyday life.

**Keywords:** *bullying*; *cyberbullying*; psychoanalysis; social psychology; yarning circle.

## INTRODUÇÃO

A experiência de transitar pelas escolas evidencia uma realidade multifacetada, marcada por situações distintas, muitas delas atravessadas por contextos de vulnerabilidade social, violências (de gênero, institucional, racial e de cunho heterossexista), miséria, circulação de armas e de substâncias psicoativas no território escolar. Cenas cotidianas de um espaço que hoje encontra-se atravessado pelo mal-estar de nosso tempo, onde os referentes simbólicos que ordenavam o laço social não se sustentam mais, imperando, por sua vez, passagens ao ato que visam a anulação do outro em sua radicalidade (Andrade, 2015; Pinho, 2011). Nesse cenário, o *bullying/cyberbullying*, temas-chave deste trabalho, ganha dimensão capital, habitando os espaços da escola e demandando respostas que venham a sanar, intervir e remediar o problema (Canavêz, 2015).

O fenômeno ganhou ampla visibilidade midiática e se tornou alvo de diferentes pesquisas após o episódio ocorrido em *Columbine High School*, no Colorado (EUA), no ano de 1999, quando dois adolescentes, de 17 e 18 anos respectivamente, abriram fogo na escola, matando 12 alunos e um professor (Bazzo, 2017; BBC, 2016; Isolan, 2014). O termo *bullying* surgiu na década de 70, para se referir a episódios repetitivos e sistemáticos de violência que ocorrem no âmbito escolar. Foi cunhado pelo psicólogo e professor-pesquisador Dan Olweus (2006, citado por Bazzo), da Universidade de Bergen, na Noruega, após um incidente, em 1982,

envolvendo adolescentes na faixa etária entre 10 e 14 anos. A partir de 1983, o referido psicólogo e pesquisador, junto ao Ministério da Educação, passou a coordenar um trabalho de prevenção nas escolas daquele país (Freire & Aires, 2012; Lisboa, Braga & Ebert, 2009; Silva, 2017). No Brasil o primeiro estudo acerca do tema surgiu em 1997, conforme Silva e Araújo (2015).

Segundo alguns autores (Canavêz, 2015; Pinho, 2011; Silva, 2017; Silva e Araújo, 2015), o que está em jogo nas práticas de *bullying* é a assimetria de poder, em que há o perpetrador e a vítima, podendo ser tanto por pares, quanto por um grupo em relação a um sujeito e/ou por um grupo para outro grupo. Pode ser caracterizado como sendo a persistência de uma violência física ou psicológica em que o(s) autor(es) humilha(m), ameaça(m), intimida(m) e exclui(em) aquele que é visto como diferente, podendo ser perpetrado por um grupo ou por uma só pessoa.

Já o *cyberbullying* – desdobramento do primeiro – parece ser uma forma mais grave da violência, já que seu poder de disseminação ocorre de forma rápida e não requer um ambiente próprio para sua ocorrência - escola, corredores da instituição, banheiros, pátio, etc. (Silva, 2017) sendo mediada pelos dispositivos tecnológicos - *tablets*, computadores, celulares, etc (Arcie, Arita, Herman, Castro & Contreras, 2016; Azevedo, Miranda, Pinto e Medeiros, 2011; Seixa, Fernandes & Morais, 2016; Wendt & Lisboa, 2014).

Para Silva (2017), a violência pode se dar de modo direto ou indireto. No modo direto, a violência ocorre face a face, de modo explícito, o que inclui agressões verbais e/ou físicas. Já no modo indireto, ocorre uma exclusão sutil do sujeito de determinado grupo. A autora também descreve os atores envolvidos no fenômeno da violência, a saber: a) *agressores* ou *bullies*, aqueles que praticam o ato violento, por meio de intimidações, gozações e atribuição de apelidos jocosos, por exemplo. Geralmente assumem posições de liderança, sendo bastante populares; b) *alvos* ou *vítimas*, comumente mais tímidos e retraídos, apresentando dificuldades

de se relacionar, fazer amigos e serem aceitos no grupo e; c) *testemunhas*: aqueles que assistem passivamente as ações violentas. Por medo de rechaço, muitas vezes, não denunciam nem agem para romper com o ciclo de violência.

De acordo com a literatura, os danos às vítimas podem ser devastadores. O alvo da violência passa a se sentir isolado podendo apresentar baixa autoestima, sintomas psicossomáticos (dores de cabeça, vômito, náuseas, dores no corpo sem causa física aparente, etc.), depressão, estresse e em alguns casos, ideação suicida e/ou sua concretização de fato (Arcie, Arita, Herman, Castro & Contreras, 2016; Azevedo, Miranda & Souza, 2012; Lisboa, Braga & Ebert, 2009, Xavier, 2015). Conforme Guerra & Klas (2017), os diversos modos de *bullying* perpetrados, quando combinados, podem agravar o quadro, produzindo traumas significativos na vida do(s) sujeito(s).

Pensando nisso, no ano de 2019, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS ) do município de Tramandaí/RS, enquanto dispositivo estratégico no cuidado em saúde mental no território adstrito, conforme preconizado pela Lei 10.2016 (Brasil, 2001) e Portaria 336 (Brasil, 2002), desenvolveu, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC), Poder Judiciário e Secretaria Municipal de Saúde (SMS), um projeto de ação contínua que contemplasse três temáticas: 1) *bullying/cyberbullying* na escola; 2) sexualidade e; 3) uso e abuso de substâncias psicoativas. Tais demandas surgiram por meio da SMEC, que solicitou auxílio do CAPS para a realização do trabalho nas escolas da região.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é apresentar e discutir, a partir de fragmentos descritos em Diário de Campo (Andrade, 2019), alguns acontecimentos que nas intervenções realizadas em duas escolas. Elegeu-se, para o ano vigente, as temáticas *bullying/cyberbullying* como disparador das atividades. As intervenções ocorreram por meio da realização de rodas de conversa (Melo & Cruz, 2014), com a proposta de discutir, informar e sensibilizar os alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental acerca dos temas.

## PROCEDIMENTOS

Este trabalho consiste em um relato de experiência profissional no âmbito do Estágio Curricular Profissionalizante em Psicologia, nas ênfases *Prevenção e Promoção em Saúde e Cidadania* (PPSC) e *Processos de Prevenção e Promoção em Saúde* (PPS), reunindo estudantes-estagiários do Centro Universitário X e Universidade Y tendo com a participação de profissionais graduados em Serviço Social e Enfermagem da instituição proponente (Centro de Atenção Psicossocial – CAPS ). Trata-se do recorte de um projeto maior intitulado: *Rodas de Conversa: Educação e Saúde Mental nas Escolas*, com previsão de encerramento no ano de 2021. Historicamente, no Brasil, as práticas em saúde têm se dado de modo fragmentado e desarticulado. Segundo Custódio e Silva (2015), o conceito de intersetorialidade pressupõe trabalho em rede, com a conjugação de diferentes saberes técnicos em prol de um objetivo comum. Em outras palavras, implica ações interdepartamentais e articuladas entre si.

Tal projeto, de caráter contínuo, teve por objetivo o desenvolvimento de ações intersetoriais entre a educação e o campo da saúde mental, garantidos pela Portaria 3.088 (Brasil, 2011) e Portaria 336 (Brasil, 2002), por meio da realização de palestras e rodas de conversa pertinentes à prevenção e promoção da saúde no contexto escolar. Dentre os objetivos específicos, estão: a) desenvolver atividades de conscientização e informação sobre as demandas identificadas no contexto escolar (*bullying/cyberbullying* na escola, sexualidade e uso/abuso de substâncias psicoativas) no que tange às causas, consequências, formas de enfrentamento e demais aspectos concernentes ao tema em questão com os alunos e responsáveis b) orientar, de forma teórica e prática, os professores da rede municipal de ensino de Tramandaí/RS para o enfrentamento de situações pertinentes a sua realidade e; c) promover ações que proporcionem a equidade e resolubilidade das demandas emergentes.

Assim sendo, o presente relato diz respeito à experiência de imersão e intervenção em duas escolas municipais de Tramandaí/RS Participaram dos encontros estudantes do 5º ao 9º

ano, sendo a *roda de conversa* o dispositivo utilizado para dialogar com os estudantes. Em cada encontro estavam presentes três estagiários de psicologia e um profissional de ensino superior (enfermeira e/ou assistente social, ou ambas) para mediar a conversa com os estudantes. A participação dos professores, nesse momento, era facultativa, havendo reconhecimento por parte de alguns de sua retirada, visando que os alunos melhor se expressassem, já que a presença do corpo docente poderia inibir a participação dos mesmos.

A *roda de conversa*, para além de seu uso em pesquisas de cunho qualitativo, possibilita a abertura de espaços dialógicos e de trocas entre os estudantes, favorecendo a expressão de seus pensamentos, opiniões e conceitos sobre o tema (Melo & Cruz, 2014). Os encontros tiveram duração de aproximadamente 1 hora e 30 minutos, ocorrendo no espaço da sala de aula das respectivas turmas ou no auditório/ginásio (quando a escola contava com tal estrutura). As turmas foram escolhidas por conveniência, a partir de indicação da diretora. Devido algumas turmas terem um número pequeno de alunos, optou-se pela aglutinação desses em um único espaço, sendo a intervenção realizada com duas a três turmas, respectivamente. Cada turma participou uma única vez da intervenção proposta.

Como forma de oportunizar a circulação da palavra e promover a reflexão entre os participantes, utilizou-se uma lata, confeccionada pelos estagiários, contendo perguntas a serem retiradas pelos alunos e discutidas no grande grupo. Dentre algumas perguntas estavam: 1) Como seria se você chegasse a um novo local e recebesse um apelido que considerasse bobo, mas que pegasse? 2) Você pede ajuda quando está com alguma dificuldade? A quem você pede e por quê? 3) O que você acha que deveria ser feito caso acontecesse algum conflito na escola? 4) Já ocorreu algum problema na escola? Como foi resolvido? Como você se sentiu depois? 5) Que tipo de apoio você gostaria que houvesse na escola caso acontecesse algum problema? O que deveria ser feito?, etc. As perguntas foram elaboradas com base no livro caixa *Eu na Escola: 50 perguntas para entender melhor o estudante* (Lopes, Nascimento & Lopes, 2019).

Para tanto, serão apresentados fragmentos ocorridos no âmbito da intervenção, por meio da descrição das anotações realizadas em um *Diário de Campo* pelos estagiários, constituindo-se assim os dados de análise do presente trabalho. Andrade (2019) sustenta que o Diário de Campo vem sendo um importante instrumento de trabalho, sendo muito utilizado por antropólogos/as e outros profissionais, para o registro dos sentimentos vivenciados, das emoções suscitadas, bem como, para a descrição e ordenação dos acontecimentos que ocorreram durante o período de experimentação no território. Para o autor, não existe neutralidade no que tange a produção do conhecimento. Há sempre algo da subjetividade do(a) pesquisador(a)/interventor(a) que se coloca no traço da letra, quando se põe a pensar, analisar e relatar o ocorrido.

Seguindo o exposto, os estagiários de Psicologia, ao retornarem do campo, se reuniam para a discussão do processo interventivo, expondo seus sentimentos e análises, fazendo conexões entre a teoria e a prática. Após, era redigido a escrita dos fragmentos, descrevendo-as, de forma coletiva e implicada com a melhorias ou adequação das próximas intervenções e idas a campo. Possíveis dificuldades eram discutidas no âmbito da supervisão e os fragmentos apresentados no presente artigo, referem-se àquelas produzidas a partir da perspectiva dos estagiários de Psicologia.

Enfatizamos que, por se tratar de um trabalho que teve por meta o aprofundamento teórico de questões que se apresentam na prática da profissão (psicologia, enfermagem, serviço social), o mesmo dispensou aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP), seguindo a Resolução 510 (Conselho Nacional de Saúde, 2016). . Visando a proteção dos dados das instituições de ensino envolvidas, bem como, de seus atores, omitiu-se os nomes dos participantes, sendo utilizados, para a composição do Diário de Campo, palavras como: garoto, professor, criança, assistente social, estagiários(as), orientadora educacional, etc.

Reforça-se que o trabalho da equipe foi autorizado pelas respectivas diretoras das instituições, bem como da SMEC.

## RESULTADOS

A roda de conversa teve início interrogando os alunos acerca do que pensavam ser o *bullying/cyberbullying*. Percebeu-se aí que os mesmos sabiam o que era, referindo que se tratava de uma forma de violência que podia se dar por meio de apelidos, agressões físicas, humilhações, mas omitiam o caráter repetitivo e persistente de tais agressões.

Assim, era reiterado pelos mediadores o fato de que para ser considerado *bullying*, deveria estar presente a repetição e a persistência das agressões. A partir da utilização da lata de perguntas, alguns acontecimentos emergiram, conforme relato de fragmentos ocorridos durante das intervenções, retirados do Diário de Campo:

### ***Fragmento 1:***

#### ***Vocês também sentem raiva?***

*“Eis que somos [estagiários] pegos de surpresa com tal interrogação, ainda mais dirigida por uma criança. Entre as explicações sobre o bullying e acerca do gerenciamento emocional, o garoto, bastante reflexivo e implicado na discussão, nos interroga se nós, adultos, também sentimos raiva. Confirmamos que sim e seguimos o diálogo” (Diário de Campo, 2019).*

Nesta cena, fomos capturados pela manifestação de uma criança, que atenta a nossa fala sobre como lidar com as emoções frente à raiva, se interroga se os adultos também sentem raiva, visto que circulava na roda de conversa as formas de cada um lidar com seus sentimentos e emoções. Alguns se referiram à escrita, à música e a prática de esportes como modos de sublimar os conflitos vividos internamente e externamente. Já outros, se referiram a modos mais destrutivos como “socar o colega” ou “socar a parede”. A partir disso conversou-se sobre os prejuízos que tais atos podem produzir tanto naquele que sofre a ação, quanto naquele que a pratica. Um dos pontos levantados por nós se referiu ao fato de que, agressor e vítima, estão em sofrimento e que ambos precisam ser acolhidos e escutados.

### **Fragmento 2:**

#### **Acontecimentos...**

*“Deter-nos-emos mais extensamente nesse episódio. Faremos isso porque queremos mostrar que, por mais que a ideia era de falar sobre o bullying, em muitos momentos, narrativas pessoais e intensas tomavam conta da cena, necessitando de intervenções mais estruturadas, através da escuta individual e do acolhimento ao sofrimento do outro.*

*Tal fato ocorreu na intervenção do dia 10 de maio (sexta-feira). Estavam presentes três estagiários e a assistente social. Durante a execução da dinâmica, uma das perguntas retiradas [não nos recordamos qual] mobilizou sentimentos na adolescente. Tal situação se deveu ao fato da menina estar passando por um problema na família, já que sua mãe estava com câncer. Diante disso, colegas próximos a ela lhe acolheram e uma das estagiárias de psicologia retirou a mesma da sala para uma escuta individual.*

*A comoção tomou conta da sala, já que muitos foram afetados pela história. Ao lado de um dos colegas estagiários, após sinalização da assistente social, um garoto, na faixa etária de 13-14 anos, estava choroso e cabisbaixo. Imediatamente o colega se prontificou a retirar ele da sala e realizar uma escuta. Após a escuta, nos damos conta de que ambas as situações eram semelhantes, e que por efeito da identificação entre as histórias, os conteúdos internos emergiram, sinalizando para situações adversas [de um lado, a possível perda da mãe pelo câncer, de outro, de forma atualizada, o medo que o garoto sentiu ante a possibilidade da perda de sua mãe, devido a um acidente que essa sofreu].*

*Aqui, notamos que para além do bullying, se por a escutar alguém no âmbito da escola, é escutar sem fronteiras. Perpassa os muros da escola. Situações que encontram vias de escape naquele espaço, ficando claro que muitos recorrem aos professores e aos amigos para desabafar, deixar se afetar” (Diário de Campo, 2019).*

Como refletido na própria descrição desta cena, falar sobre o *bullying* também remetia o sujeito a contar sobre os dilemas vividos no exterior da escola. Situações vivenciadas no contexto familiar e que encontraram eco na roda de conversa, já que ali também era um momento de continência, um espaço plural e ao, mesmo tempo, singular. Quando éramos apresentados, na chegada, por algum membro da equipe diretiva e pedagógica da escola, já era sinalizado que éramos nós as “pessoas certas” para falar daquilo que lhes afligiam. Aqui, fica claro o apelo ao especialista como quem tem as respostas certas para o vivido e o experienciável.

No(s) Fragmento(s) 3, exposta abaixo, narramos três diferentes acontecimentos, ocorridos em diferentes dias de intervenção, que expõem as incertezas, as dúvidas e o sofrimento dos atores educacionais frente à realidade vivenciada:

### **Fragmento(s) 3:**

### **1. Um professor que questiona**

*“Em um dos encontros, na segunda escola, mais especificamente, apesar do eco, devido o espaço em que estávamos ser um ginásio de prática de Ed. Física, um dos professores presentes lançou-se no desafio de questionar a prática do bullying na internet. Isso se deu, devido a nossa posição de que o bullying não mais se restringe ao âmbito físico da escola, ganhando maiores dimensões pela prática, denominado de cyberbullying, ou seja, o bullying praticado por meio da exposição, da ridicularização e da disseminação de informações falsas por meio das virtualidades...*

*O mesmo se referiu ao fato de que antigamente os apelidos e as ditas “brincadeiras” não eram levadas tão a sério. Foi aí que enfatizamos o fato de que por mais que naquela época isso fosse interpretado de tal forma, sabemos que algum efeito essa pessoa sentiu.*

### **2. O questionamento continua...**

*Em outro momento, esse mesmo professor nos interrogou sobre quando o termo bullying começou a ser utilizado... Nesse momento, apesar de termos respondido que os estudos eram recentes, a profissional (enfermeira) presente no dia da atividade informa que haveria um momento exclusivo para os mesmos, numa ação entre o CAPS, o Poder Judiciário e as Secretarias Municipais de Saúde e de Educação<sup>7</sup>. Podemos pensar, a partir da demanda endereçada a nós, em posição de especialistas, sobre o estatuto do não-saber. No campo da educação tem sido frequente a formação de professores por meio do oferecimento de palestras e participações em congressos/eventos/jornadas pedagógicas. Nesse sentido, Moschen, Vasques & Fröhlich (2017) situam que informar é diferente de formar. Formar requer outra posição: de abertura, de questionamento sobre as práticas e construção de novos caminhos. Nesse sentido, que outros espaços poderíamos oferecer, além daqueles já instituídos? Questão que nos convocou a pensar. A escola se tornou um espaço onde múltiplos desafios são postos à prova. O professor não é apenas alguém que transmite conhecimento. É, também, o mediador de conflitos ou aquela figura que o aluno recorre quando se vê frente ao desamparo. Mais ainda, é alguém que também está às voltas com suas dores...*

### **3. Professor(es) angustiado(s)**

*Em um dos encontros, com uma das turmas, mais para o final da atividade, a orientadora educacional da escola entrou na sala em que estávamos. Em sua narrativa, expôs a realidade vivenciada na escola. Falou das perdas de suas alunas, que engravidaram e evadiram da escola, transbordando a circunscrição do tema em pauta: a demanda agora era outra, a sexualidade entrava em cena. Escutamos sua queixa, fomos continentes... Porém, um assinalamento foi necessário: informamos que traríamos a pauta da sexualidade em outro momento, com outras abordagens e ferramentas pedagógicas. Percebeu-se aqui a emergência dos temas já pensados no esboço do projeto (Diário de Campo, 2019).*

Aqui, confirmamos a participação de dois atores educacionais na roda de conversa, ocorrida em diferentes momentos, mas que apontam, primeiramente, para a prática do que

---

<sup>7</sup> Tal encontro ocorreu nas dependências da Secretaria de Educação Continuada (SEC) do município de Tramandaí/RS, contando com a participação da coordenadora do projeto.

chamamos de *cyberbullying*, quando as humilhações e constrangimentos não mais circunscrevem somente ao espaço da escola, ganhando dimensões maiores quando da publicação de imagens e vídeos das brigas ocorridas nas escolas em redes sociais (por exemplo, *Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp*, etc.) ou pelo compartilhamento de informações inverídicas acerca de determinada pessoa. Salientamos sobre as consequências da exposição de situações vivenciadas na escola e da extensão do problema quando os fatos são publicizados, já que uma vez estando na *internet*, a disseminação é mais rápida, fazendo com que os sujeitos envolvidos tenham seu sofrimento intensificado, podendo incorrer em situações graves, tais como, o suicídio, depressão, comportamento autolesivo, ansiedade, baixo rendimento escolar, etc. (Azevedo, Miranda, Pinto & Medeiros, 2011; Azevedo, Miranda & Souza, 2012; Arcie, Arita, Herman, Castro & Contreras, 2016; Lisboa, Braga & Ebert, 2009; Xavier, 2015).

A presença da orientadora educacional, ocorrida em um dia de atividade, sinalizou sua angústia frente às perdas que acompanhou ao longo de sua trajetória profissional naquela escola, principalmente por alunas que engravidaram e evadiram da escola. Situamos sua fala como indicativo de um processo de sofrimento e de desejo de poder fazer algo para mudar a realidade em que se encontrava, mas que diante da impotência, precisou externalizar, por meio da palavra, aquilo que lhe afligia. Mais uma vez confirmamos que, por mais que a proposta fosse de falar sobre um dado tema, outros conteúdos emergiam, o que aponta para a ampliação dos aspectos a serem discutidos no ambiente escolar. Professores e equipe diretiva não sabiam o que fazer para lidar com o real da vida vivida - por isso a solicitação de apoio ao serviço de saúde mental- ao mesmo tempo em que os alunos também mostravam ali o sofrimento que vivenciavam, seja na comunidade, na família ou na escola. Atuavam como forma de dizer: *preciso de ajuda!*

Por fim, apresentamos o Fragmento 4, que vai ao encontro do já referido. Muito do que acontece na escola é expressão dos conflitos vividos no próprio contexto familiar, que quando não elaborados pela via psíquica, são repetidos com outros atores de sua convivência,

geralmente, seus pares. É a forma que a criança e o adolescente encontram para lidar com os sentimentos vividos na própria casa, nas situações que presenciam. Situações, muitas vezes, também violentas. Em outras, é a miséria de não ter nada para comer, que produz a agonia da vida desvalida.

**Fragmento 4:**

***Apanho em casa, apanho na rua, apanho na escola... A violência por todo o lado***  
*“Na intervenção do dia 09 de agosto, o silêncio foi resposta. Mas era um silêncio reflexivo, cujos olhos marejados podemos visualizar em muitos momentos. É como se naquele espaço não fosse possível mostrar-se vulnerável. Entre rostos tímidos, alguns rompiam o silêncio e davam sua contribuição.*

*Cena que nos marcou, ou melhor, cena que tomamos como um corte real na pele, um rasgo... Um dado garoto, em um momento, nos diz “apanho em casa, apanho na rua, apanho na escola”. A violência estava naturalizada em sua vida. Tal fala se deu quando uma das perguntas foi: “Seus pais ou responsáveis foram chamados na escola por você ter tido um comportamento inadequado. Como você se sentiu?” Nós, que ali estávamos, nos entreolhamos, buscando acompanhar e entender o que se passava. Acho que todos nós, de algum modo, fomos afetados.*

*A violência, naturalizada, narrada como fato comum, corriqueiro. Seus efeitos, até então, impensáveis, ganham forma... Passagens ao ato que são tecidas no cotidiano escolar, nas “gravatas”, “mata-leão”... Sufocamentos, espancamentos, que quando problematizados e pensados, falam daquilo que é íntimo de cada um: a violência nossa de cada dia” (Diário de Campo, 2019).*

Durante o percurso de vivência, enquanto profissionais da saúde, servimos como testemunha de uma realidade marcada por relações hostis e de intenso sofrimento, sendo o *bullying* uma prática corriqueira no cenário dessas escolas. Os diferentes espaços serviam para sua prática, sendo narrado que lugares ao ar livre, como no recreio, ou na sala de aula, eram onde se intensificavam as violências e intimidações. Não raras vezes, também foi dito que de tanto sofrerem na escola, passaram a intimidar outros colegas ou retaliarem o agressor, culminando numa retroalimentação da violência.

Ao validarmos seus sentimentos, suas histórias, suas narrativas, oferecemos um espaço de escuta para o acolhimento de seus conflitos. A partir da nomeação daquilo que até então era impensável, por meio de pequenos apontamentos e sinalizações, permitiram se deixar entrar em

contato com tais angústias, recorrendo ao serviço de *acolhimento* na instituição de saúde mental, para dar seguimento ao que iniciaram lá onde fomos propulsores do cuidado.

O acolhimento, porta de entrada ao serviço do CAPS, pode ser entendido enquanto dispositivo de cuidado na rede de saúde, o que implica a tomada de uma posição ética, estética e política, visto que busca uma aproximação do usuário com o profissional de saúde, devendo esse reconhecer o outro em sua integralidade, com seus afetos, com seus saberes. Logo, o ato de escutar implica em deixar se afetar e ser afetado pelo outro, pela invenção de saídas e estratégias de produção de saúde (Ministério da Saúde, 2010).

Quando avaliada a necessidade de encaminhamento da criança/adolescente para a rede de saúde mental, solicitávamos que os mesmos conversassem com os responsáveis e buscassem a instituição CAPS, sendo explicado como funcionavam os serviços oferecidos. Outras vezes, tais sujeitos diziam que os pais não os escutavam ou não tinham por hábito falar de seus problemas com eles. Assim, era conversado com a diretora e/ou orientadora educacional, com o devido consentimento do aluno(a), para que pudessem chamar os pais na escola e conversarem sobre filho(a) e, posteriormente, se assim quisessem, encaminharem para atendimento. Para encerrar este tópico, salientamos que nossas intervenções foram balizadas por um fazer ético, calcado na produção subjetiva e singular de cada participante.

## **DISCUSSÃO**

### ***A violência como expressão do mal-estar***

Em nossas intervenções, por mais que a proposta fosse discutir as nuances da violência no cotidiano escolar, mais especificamente, sobre o *bullying* e seu atual desdobramento, o *cyberbullying*, percebeu-se que ao possibilitarmos a sustentação de um lugar de escuta aos sujeitos, outras histórias, singulares e, ao mesmo tempo, próximas, emergiram, sendo a pauta inicial suspensa por certo instante de tempo, para o acolhimento de outras narrativas, penosas

e vividas no contexto familiar dos participantes. As situações descritas nos fragmentos 2 e 4 apontam para o que aqui sustentamos.

Assim, podemos compreender que as expressões de agressividade e violência no território escolar denunciam uma problemática ainda maior: aquela vivenciada nos espaços de circulação de crianças e jovens: a rua, a casa, o bairro e outros contextos nos quais estejam inseridos (Broide, 2010). Por isso a necessidade de, ao trabalhar com escolares, compreender suas vivências desde uma concepção sistêmica (Freire & Aires, 2012), levando em consideração aquilo que se passa em outros espaços de convivência.

Os autores de *bullying* utilizam-se da violência, da humilhação, da chacota e da anulação do outro como forma de se afirmarem narcisicamente (Cossalter, 2012). Incapazes de se sustentarem num referente organizador, abrem mão da instância simbólica, atuando com o corpo no real impossível de ser simbolizado (Ornellas, 2012). Frustrados, precisam impor sua **Lei** fazendo com que os demais reivindiquem de seu gozo para que esse, ilusoriamente, possa gozar sem medidas. Gozo que se produz pela submissão dos mais fracos aos mais fortes. As vítimas, incapazes de reagir às intimidações, objetificadas na relação, sofrem diante dos acontecimentos, muitas vezes, silenciosamente (Crochík, 2012; Isolan, 2014). A mínima diferença é tomada como algo a ser zombado, provocando riso daqueles que agridem ou consentem com tais ações – denominados por Silva (2017), respectivamente, como *agressores* e *testemunhas*.

Não raro, os comportamentos hostis podem vir disfarçados em forma de brincadeira, sendo reforçado pelo grupo (Libardi & Castro, 2014). Assim, temendo retaliação, muitas das vítimas de *bullying/cyberbullying* acabam não falando sobre o ocorrido (Freire & Aires, 2012). Para Silva (2017), quando as intimidações ocorrem de modo virtual, os sentimentos – de impotência, vergonha e medo – são intensificados. Para o perpetrador de *cyberbullying*, o sentimento de prazer em ferir e hostilizar o outro se deve ao anonimato, uma vez que este pode

agir sob uma identidade simulada. Segundo a autora, o *bullie* tem a sensação de sair impune, frente à dificuldade de ser rastreado e identificado.

Diante das violências sofridas, crianças e adolescentes vivenciam o desamparo psíquico. Freud (1914/1996) se refere à condição do bebê que precisa de um Outro que venha acolher, nomear e significar as excitações oriundas do mundo interno e externo, organizando e sendo continente a esse corpo sem bordas. Assim, para Vianna e Farias (2015), as vivências de sofrimento no contexto maior tratam-se de um retorno a uma experiência primitiva. Em outras palavras, o sujeito, frente ao transbordamento das excitações – e da fragilidade dos recursos psíquicos para o enfrentamento da situação – lida com o sofrimento de duas formas: por meio da palavra, elaborando o conflito; ou pelo ato, apelando para explosões de raiva, agressões físicas, etc. Nos fragmentos recortados, as crianças se referiram a diferentes modos de lidar com a raiva, sendo algumas mais sublimadas e outras mais destrutivas.

Gurski (2012) refere que atualmente, os adolescentes se vêm sem lugar e reconhecimento no social, recorrendo às ações violentas como forma de se fazerem representar perante os outros. Em outras palavras, é *atuando* que o sujeito consegue chamar para si o olhar e a atenção daqueles que o cercam. A linguagem, enquanto mediadora do laço social, aqui não opera. Conforme escreve a autora, o corpo é utilizado como meio e fim para expressar o mal estar de estar no mundo.

A escola, enquanto espaço primordial, ou como referido por Coutinho (2015), *espaço transicional*, para mediar à relação do sujeito com o Outro social, atualmente, se vê diante das (im)possibilidades de atuar para resolver os problemas que a realidade escolar os impõem. Professores, exilados de sua autoridade, desautorizados em seu saber, precisam se haver com sua própria castração (Coutinho & Pisetta, 2014). No(s) Fragmento(s) 3, tanto o professor quanto a orientadora da escola apelam para o saber especializado (Canavêz, 2015; Gurski,

2012) como formas de lidar com o vazio deixado pelo *não saber*. Aqui nos interrogamos: se trata de um *não saber* ou de um excesso?

Vasques, Moschen e Fröhlich (2017) apontam que a formação de professores tem sido marcada pela suas participações em congressos, seminários e jornadas pedagógicas, por exemplo, havendo pouco espaço para a reflexão e construção de outras práticas, contextualizadas e singularizadas. Para as autoras a formação é de outra ordem, admitindo o *não saber*. Como propõe Cabistani (2013), a informação comporta um excesso, muitas vezes, não metabolizado e esvaziado de sentido. Assim, o que propomos aqui, como resposta ao endereçamento dos educadores, é a restituição do lugar dos mesmos enquanto figuras capazes de inventar novas formas de trabalhar e dialogar com os alunos, rompendo com concepções moralizantes e culpabilizadoras (Freire & Aires, 2012), abrindo espaço para a alteridade e o compartilhamento de experiências entre si e com os outros (profissionais de saúde, alunos, familiares, etc.).

Com isso, diante dos cenários violentos que muitas destas crianças e adolescentes vivenciam no cotidiano, o oferecimento de espaços de escuta e acolhimento mobilizam outras formas de se posicionarem no mundo, sendo a palavra o meio de articular e narrar a dor, o sofrimento, as perdas. Como reforçam Coutinho e Pisetta (2014), é preciso leituras contextualizadas, que levem em consideração a história, os percursos e tramas do vivido e experienciado na escola e fora dela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo tivemos o objetivo de apresentar e discutir fragmentos de intervenções ocorridas em duas escolas do município de Tramandaí/RS. Tal proposta de trabalho foi executada pela equipe de um CAPS, contando com o apoio de outros departamentos. Como observado, ao longo desta escrita, o *bullying/cyberbullying* é um

fenômeno complexo e multifacetado, requerendo intervenções contextualizadas com a realidade de cada escola. Não existem fórmulas prontas para a resolução dos impasses, mas sim, experimentações coletivas que podem produzir outros modos de se colocar e estar no mundo.

A partir das rodas de conversa foi possível discutir, informar e sensibilizar os estudantes acerca do tema, possibilitando reflexões sobre as causas e os efeitos dos atos violentos nas escolas. No percurso interventivo, fomos surpreendidos e afetados por histórias que extrapolaram as fronteiras da vida escolar, estando posto realidades marcadas pela violência, pelo abandono e pela negligência. Situações estas, que encontravam eco e expressão no território educativo, muitas vezes, incompreendidos pelo olhar do professor.

Ao possibilitar espaços de escuta e acolhimento, a palavra se colocou como operadora do cuidado e de um fazer ético, sempre singular. Dentre as limitações do presente trabalho, apontamos para o fato de não ter ocorrido parte da intervenção com os educadores e responsáveis. Assim, como contribuição e complemento ao estudo, propomos novas intervenções junto ao grupo docente, visto ser de fundamental importância a compreensão das diferentes representações e entendimento sobre o *bullying* e o *cyberbullying*.

Por fim, conforme o pensamento de Borges (2017), enfatizamos a importância da continuidade do trabalho, em diferentes espaços discentes, oferecendo um lugar para que crianças e adolescentes possam cantar, narrar suas histórias, brincar, inventar, criar, fantasiar. Seguimos apostando nos sonhos, nas utopias, nos desejos e, o mais importante: no (im)possível da educação.

## REFERÊNCIAS

Andrade, C. B. (2015). Violências e Juventudes: processos de subjetivação no contexto escolar. *Bol. Psicol.*, 65(142), 15-28.

- Andrade, V. L. (2019). Trabalho de Campo – Notas para iniciantes em Antropologia. *Rev. Sem Aspas*, 8(1), 103-114.
- Arcie, J. B., Arita, C. M., Herman, J., Castro, V. R., & Contreras, H. S. H. (2016). *Cyberbullying*: ações pedagógicas de caráter preventivo no contexto escolar. *PsicoFAE*, 5(5), 89-98.
- Azevedo, J. C., Miranda, F. A. & Souza, C. H. M. (2012). Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do *cyberbullying* no contexto da escola. *Rev. Bras. Ciênc. Comum.*, 35(2), 247-266.
- Azevedo, J. C., Miranda, F. A., Pinto, J. J. V., & Medeiros, C. H. S. (2011). Prática do cyberbullying e seus reflexos na educação. *Rev. Int. Investig. Cienc. Soc.*, 7(1), 91-110.
- Bazzo, J. (2017). Da tortuosa elucidação do trágico: a agência da noção de *bullying* em meio a eventos extremos de violência juvenil. *Illuminuras*, 18(44), 38-73.
- BBC News. (2016). “Rezei para meu filho morrer”: Mãe de atirador de Columbine relembra tragédia. Disponível em 23 novembro, 2019, de [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160215\\_mae\\_columbine\\_mdb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160215_mae_columbine_mdb).
- Borges, J. M. C. (2017). Jovens em tempos de cólera: descaminhos do afeto. *Estudos de Psicanálise*, 48, 53-60.
- Brasil. *Lei n. 10.216*, de 06 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília.
- Brasil. *Portaria n. 3.088*, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília.
- Brasil. *Portaria n. 336*, de 19 de fevereiro de 2002. Brasília. Dispõe sobre os Centros de Atenção Psicossocial - CAPS, para atendimento público em saúde mental.
- Broide, J. (2010). Adolescência e Violência: criação de dispositivos clínicos no território conflagrado das periferias. *Rev. Psicol. Polít.*, 10(19), 95-106.
- Cabistani, R. M. O. (2013). A educação no fio do discurso sobre a violência. *Correio da APPOA*, 220, 17-23.
- Canavêz, F. (2015). A escola na contemporaneidade: uma análise crítica do *bullying*. *Psicol. Esc. Educ.*, 19(2), 271-278.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução n. 510/2016. Recuperado em 14 de abril de 2020, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Cossalter, M. (2012). O praticante de *bullying* à luz de Freud. *Trama Interdisciplinar*, 3(2), 179-184.

- Coutinho, L. G. & Pisetta, M. A. A. M. (2014). Psicanálise e Educação nos Limites da Palavra. *Interação em Psicol.*, 18(3), 365-371.
- Coutinho, L. G. (2015). O adolescente e a educação no contemporâneo: o que a psicanálise tem a dizer. *Cad. Psicanal.*, 37(33), 155-174.
- Coutinho, L., & Osorio, B. (2015). Conversações com adolescentes na escola: *bullying* ou mal estar nas relações. *Educ. Foco.*, 20(1), 205-228.
- Crochík, J. L. (2012). Fatores psicológicos e sociais associados ao *bullying*. *Rev. Psicol. Polít.*, 12(24), 211-229.
- Custódio, A., & Silva, C. R. C. (2015, novembro). A intersetorialidade nas políticas sociais públicas. Apresentação de Trabalho no I Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea. Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, UNISC. Recuperado em <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/snpp/article/view/14264>.
- Freire, A. N., & Aires, J. S. (2012). A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 55-60.
- Freud, S. (1996). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In J. Strachey. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 75-113). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).
- Guerra, V. M. L., & Klas, S. S. (2017). Um olhar sobre o *cyberbullying*: entre a periferia social e o preconceito, o percurso identitário do sujeito. *Caderno de Estudos Culturais*, 9(17), 195-212.
- Gurski, R. (2012). Violência Juvenil e Laço Social Contemporâneo. *Educ. Real.*, 37(1), 233-249.
- Isolan, L. (2014). *Bullying* escolar na infância e adolescência. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 16(1), 68-84.
- Libardi, S. S., & Castro, L. R. (2014). Violências “sutis”: jovens e grupos de pares na escola. *Fractal Rev. Psicol.*, 26(3), 943-962.
- Lisboa, C., Braga, L. L., & Ebert, G. (2009). O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2(1), 59-71.
- Lopes, R., Nascimento, R. & Lopes, P. (2019). *Eu na Escola: 50 Perguntas para melhor entender o Estudante*. São Paulo: Matrix Editora.
- Melo, M. C. H., & Cruz, G. C. (2014). Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. *Imagens da Educação*, 4(2), 31-39.

- Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização (2010). *Acolhimento nas práticas de produção de saúde*. Brasília, DF: Ministério da Saúde/Secretaria de Atenção à Saúde/Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização.
- Ornellas, M. L. S. (2012). *Bullying*: ato esburacado na angústia. *Revista Espaço Acadêmico*, 11(131), 1-7.
- Pinho, G. S. (2011). O sujeito do *bullying*. In Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.), *Autoridade e Violência* (241-259). Porto Alegre: APPOA.
- Seixas, S. R., Fernandes, L., & Morais, T. (2016). *Bullying e Cyberbullying* em idade escolar. *Journal of Child and Adolescent Psychology*, 7(1-2), 205-210.
- Silva, A. H. B., & Araújo, L. S. (2015). *Bullying*: uma expressão da questão social. *Serviço Social & Realidade*, 24(2), 127-142.
- Silva, E. (2017). *Combate ao bullying por meio dos princípios e práticas da justiça restaurativa*. Curitiba: Editora Intersaberes.
- Vasques, C. K.; Moschen, S. & Fröhlich, C. B. (2014/outubro). Diálogos entre Psicanálise e Educação Especial: uma experiência em formação. Apresentação de Trabalho no ANPED SUL, Florianópolis, SC, Brasil, X. Recuperado em [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/1738-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1738-0.pdf).
- Vianna, G. R., & Farias, F. R. (2015). A Experiência Traumática do desamparo e impotência: circuitos repetitivos da violência. *Cad. Psicanal.*, 31(34), 205-222.
- Wendt, G. W., & Lisboa, C. S. M. (2014). Compreendendo o fenômeno do *cyberbullying*. *Temas Psicol.*, 22(1), 39-24.
- Xavier, M. G. M. (2015). Psicanálise e Educação: um olhar sobre o fenômeno do *bullying*. *Revista Exitus*, 5(1), 154-169.